




## "Deixa-me ver a sua mão, não tem mão de goleiro": estudo etnográfico sobre um aspirante à futebolista no Brasil

### "Let me see your hand, you don't have a goalkeeper's hand": ethnographic study on an aspiring soccer player in Brazil

Walter Reyes Boehl  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),  
Brasil  
walterboehl11@gmail.com  
 0000-0001-9655-4080

Raquel da Silveira  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),  
Brasil  
raqufrgs@gmail.com  
 0000-0001-8632-0731

Ariane Corrêa Pacheco  
Universidade Feevale, Brasil  
arianepacheco@gmail.com  
 0000-0002-1495-5735

Mauro Myskiw  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),  
Brasil  
mmyskiw@hotmail.com  
 0000-0003-4689-3804

Recepción: 3 de marzo de 2021  
Aprobación: 24 de noviembre de 2021  
Publicación: 1 de abril de 2022

**Cita sugerida:** Reyes Boehl, W., da Silveira, R., Corrêa Pacheco, A. y Myskiw, M. (2022). "Deixa-me ver a sua mão, não tem mão de goleiro": estudo etnográfico sobre um aspirante à futebolista no Brasil. *Perspectivas de Investigación en Educación Física*, 1(1), e003. Recuperado de: <https://www.pef.fahce.unlp.edu.ar/article/view/pefe003>

**Resumen:** No universo futebolístico a trajetória de um jogador até chegar a profissionalização envolve diversos requisitos que nem sempre são nítidos. Dentre eles estão algumas características corporais que ora podem impulsionar um jogador, ora podem ser motivo de recusa. Frente a esse cenário, o objetivo deste artigo é investigar, através das circulações entre espaços de formação de jogadores de futebol, como os componentes corporais estatura/altura e extensão palmar, a partir de seus valores simbólicos, relacionam-se com as constituições nas formações de jogador de futebol. Para isso realizamos um estudo etnográfico em que seguimos a trajetória de um aspirante à goleiro e os diferentes momento em que esses componentes corporais foram acionados pelos responsáveis de manter ou não ele nos clubes. Concluímos que algumas concepções dos universos futebolísticos versam mais sobre produções de significado a partir de contextos que em culturas hegemônicas, como no caso investigado, em que a estatura e a dimensão da mão necessitavam ser compreendidas simbolicamente associadas aos espaços sociais constituídos.

**Palabras clave:** Futebol, Profissionalização, Etnografia

**Abstract:** In the football universe, the trajectory of a player until reaching the professionalization involves several requirements that are not always clear. Among them are some bodily characteristics that can sometimes boost a player, sometimes can be a reason for refusal. Faced with this scenario, the objective of this article is to investigate, through the circulations between spaces where soccer players are trained, how the body components height and palm extension, from their symbolic values, are related to the constitutions in the formations of football player. For this, we carried out an ethnographic study in which we followed the trajectory of an aspiring goalkeeper and the different moments in which these bodily components were activated by those responsible for keeping him or not in the clubs. We conclude that some conceptions of football universes are more about productions of



EDICIONES  
DE LA FAHCE



Esta obra está bajo licencia Creative Commons 4.0 Internacional

meaning from contexts than hegemonic cultures, as in the case investigated, in which the height and dimension of the hand needed to be understood symbolic all associated with the constituted social spaces.

**Keywords:** Sociabilities, Testimonials, Clubs, Neighborhoods, Oral history

## Notas iniciais

O enriquecimento financeiro, o incentivo da família e a seleção brasileira são alguns dos motivos que levam milhares de crianças e adolescentes buscarem a profissionalização como jogador de futebol (Paoli, 2007) no Brasil. Para tanto, antes de tudo, é preciso que frequentem categorias de base em clubes, para, além de aprenderem técnicas e táticas do jogo (Damo, 2005), terem inculcadas as estratégias de campo para o profissionalismo. Pois, para um aspirante a futebolista profissional, não basta dominar as técnicas corporais, portar habilidades físicas e psicomotoras, é preciso ter dedicação, disciplina, resiliência, o que pode ser entendido como bom comportamento dentro e fora de campo, além da sorte de agradar ao gosto do treinador (Spaggiari, 2009).

De acordo com Paoli (2007), as vias de entradas nas categorias de base são feitas de diversas maneiras, podendo ser por meio de testes diretos nos clubes, peneiras organizadas por observadores técnicos e indicações de empresários de futebol (Spaggiari, 2009). Tanto uma como as outras são bem concorridas, todavia, ter um empresário de futebol como "padrinho" parece ser a maneira menos complicada.

Dentre as onze posições de campo, comumente, os selecionadores dão preferência, quando não há carência no plantel, por aspirantes que façam a função de atacante, podendo ser tanto centroavante como extremas. Na seleção de atletas, o prestígio inicia da frente para retaguarda, culminando na posição de goleiro como a de menor interesse. Mesmo que essa função seja a menos valorizada, possivelmente, seja a de maior exigência.

Com base nessa compreensão da construção sociocultural do fenômeno futebol e sua relevância, realizou-se uma abordagem metodológica qualitativa inspirada na etnografia multissituada (Marcus, 2001), em que procuramos, na construção dos dados, conectar fenômenos globais com situações locais. No sentido de uma etnografia da prática (Wacquant, 2002), um dos autores vivenciou a condição de pai de aspirante à futebolista e, ao mesmo tempo, pesquisador, circulando pelas categorias de base de clubes das cidades de Porto Alegre e de Caxias do Sul<sup>1</sup>, durante quase dez anos<sup>2</sup>. Dessa forma, este artigo tem como objetivo investigar, através das circulações entre espaços de formação de jogadores de futebol<sup>3</sup>, como os componentes corporais estatura/altura e extensão palmar, a partir de seus valores simbólicos, relacionam-se com as constituições nas formações de jogador de futebol.

## **O Status da altura**

O campo empírico se inicia, mais ou menos no ano de 2009, em Porto Alegre, quando um dos pesquisadores se lança, como pai, para acompanhar o seu filho Fernando, com 6 anos de idade, em algumas práticas corporais esportivas. À época, ficou encarregado de levar seu filho aos jogos e treinamentos de futsal em uma escolinha perto da sua residência, no bairro Guarujá, na zona sul. Essa rotina existiu até meados de 2011, quando o local fora fechado. Dessa forma, Fernando foi jogar futebol 7 em outra escola, permanecendo no local até 2012, em razão de um convite feito pelo técnico da equipe adversária, para jogar futsal no Clube do Professor Gaúcho. No novo clube, Fernando alternava entre jogar na linha e como goleiro. Essa situação já existia nas escolas anteriores. Por causa de sua maior estatura, comparada aos meninos de sua idade, os professores aproveitavam como goleiro.

O Clube do Professor Gaúcho participava de algumas competições de futsal e de futebol sete na cidade. Para esses torneios, o técnico, para reforçar a equipe, costumava convidar meninos que jogavam nas categorias de base do Grêmio<sup>4</sup>. A estratégia do treinador acabava lhe rendendo títulos e prestígio junto à direção do clube, mas não muito com os pais que, normalmente, eram sócios da entidade, gerando algumas reclamações.

Alheio a isso, quando os meninos do Grêmio atuavam, sem espaço na linha e como meio de reforçar o time, Fernando terminava sendo aproveitado como goleiro. Os resultados da equipe quase sempre terminavam estampados nas redes sociais. Os pais costumavam publicar fotos da equipe campeã e marcar os perfis dos componentes. Os perfis dos garotos do Grêmio eram muito frequentados por treinadores e as marcações nas fotografias, dentre as quais a de Fernando, aumentavam as visibilidades. Dessa forma, a curiosidade de alguns treinadores sobre aquele menino "maior que os outros" ia surgindo. Até que, em final de novembro de 2014, o técnico do clube Boca, do bairro Matias Velho, da cidade de Canoas, o convidou para integrar a equipe que iria disputar a Copa Cidade Verde, na cidade de Três Coroas-RS<sup>5</sup>, em janeiro do ano seguinte. Conforme o treinador, Fernando, por causa da sua altura e das informações que colheu junto aos pais dos meninos do Grêmio, deveria jogar o torneio como titular, em vista que o outro goleiro ser bem mais baixo do que ele.

Durante a realização do torneio, um avaliador técnico procurou o pai do Fernando, Walter, para saber sobre o interesse de levá-lo a realizar um teste no Internacional provavelmente no mês de março daquele ano. O selecionador lhe entregou um cartão do clube com o seu nome e telefone e pediu que entrasse em contato para agendar um teste na categoria Sub-12, nascidos no ano de 2003.

No dia e na hora marcados, Fernando chegou ao clube para iniciar a sua prova e observou que havia três meninos com o fardamento de goleiros, um regulando com a sua altura, outro mais baixo e outro mais alto. Após o primeiro dia de teste, ficou sabendo que os três já participavam do plantel da categoria e que o mais alto tinha chegado sem precisar realizar teste. Após cinco dias de provas, Fernando recebeu a notícia da coordenação técnica que seu pai deveria providenciar alguns documentos para a sua integração ao clube, pois havia sido aprovado.

Os primeiros treinamentos como integrante da base colorada apontavam que Fernando seria a terceira alternativa para os jogos<sup>6</sup>. A ideia da comissão técnica era tornar o mais alto titular, substituindo o antigo goleiro que mediava em termos de estatura com Fernando. Essa circunstância encontraria respaldo ao que Damo (2005) chamou de importância dada aos atributos biológicos, como estatura/altura, envergadura, força, velocidade, em que o treinamento pode potencializar tais atributos.

A quarta opção seria o goleiro mais baixo. Com o tempo, o prognóstico dos treinadores não se concretizou. O goleiro mais alto não conseguia adquirir habilidades técnicas suficientes para ser o titular, evidenciando que certas disposições que possuem um residual intangível à intervenção pedagógica (Damo, 2005) não foram suficientes. Assim sendo, Fernando, dentro da hierarquia, galgou uma posição, tornando-se suplente imediato.

A Copa Cidade Verde é um dos torneios mais prestigiados de base das categorias iniciais. Alguns clubes, como Corinthians-SP, Palmeiras-SP, Vasco-RJ, Atlético-PR, Avaí-SC, além dos gaúchos, Grêmio, Internacional e Juventude, participam anualmente. Jogar em Três Coroas é uma grande oportunidade de ascensão e de validar a sua condição desportiva. Para o evento de 2016, o goleiro titular não iria participar, pois estava lesionado na região lombar. Consequentemente, Fernando assumiria a condição de titular. Só que o clube, em dezembro, trouxe outro goleiro, do interior do Rio Grande do Sul, medindo aproximadamente 1,86m, para a posição, enquanto que Fernando media 1,75m. Com a proximidade da competição e com a margem de manobra dos capitais propriamente corporais (Damo, 2005) demonstrando não serem satisfatórias para que o novato não tivesse condições em pouco tempo de estar preparado para a titularidade e precisando que a categoria realizasse uma excelente performance já que vinha há tempos sempre perdendo para o seu maior rival, ficou decidido que Fernando seria o titular. Durante toda a competição, Fernando não levou gols, o que lhe rendeu o prêmio "luvas de ouro". A única vez que o seu time viu as redes de sua própria meta balançar foi na final contra o Grêmio e não era Fernando quem estava a protegê-la. Ao final do empate em zero a zero, o treinador resolveu colocar o goleiro mais alto para a decisão por pênaltis. O Internacional acabou perdendo sem ter sido defendida nenhuma penalidade.

Depois das férias, em março, o antigo titular, recuperado da lesão, retomou a posição. Fernando voltou para a situação de reserva imediato e goleiro mais alto voltou para sua cidade natal para retornar possivelmente no outro ano. Outro goleiro mais baixo juntou-se ao plantel e acabou se transformando em um dos melhores amigos de Fernando. Contudo, durante o ano, foi dispensado, juntamente, com o mais baixo de todos, quando outro goleiro, vindo do estado do Paraná, e com estatura assemelhada dos outros goleiros chegou.

Mesmo com o rodízio de arqueiros, Fernando continuava prestigiado pela coordenação técnica e se mantinha na posição de suplente imediato. Sempre era convocado para os jogos e acabava entrando no final das partidas. No entanto, o ano de 2016 parecia ser desafiador. Com a promoção do preparador de goleiros para categoria de cima, chegou um novo treinador, que já havia trabalhado no clube, que parecia não simpatizar muito com o jovem. Fernando costumava reclamar sobre o tratamento que o profissional lhe oferecia. O menino dizia sentir-se boicotado. Pois, quando chegava a sua vez de executar as defesas

nos treinamentos, não conseguia porque o homem propositalmente chutava para fora e o mandava passar para o final da fila, algo que não acontecia para com os outros. Mediante isso, em setembro de 2016, Fernando pediu para deixar o clube, pois tinha intenção de jogar no rival.

Com a saída, logo foi aprovado em um teste de três dias no Grêmio. No entanto, por causa de ter realizado mais de três jogos pelo Internacional no campeonato gaúcho não poderia ser inscrito para disputar a competição. Desse jeito, ficava apenas treinando ou jogando alguns amistosos. O seu desempenho nos treinos e nos jogos amistosos, segundo a coordenação técnica, era excelente. Isso seria um bom sinal para a sua continuidade no clube. Desse modo, permanecia motivado treinando para figurar na lista dos relacionados do Encontro de Futebol Infantil Pan-americano (EFIPAN)<sup>7</sup>. Contudo, não foi bem o que aconteceu. Em dezembro de 2016, antes que pudesse ver o seu nome na lista de convocados para o torneio, foi comunicado sobre o seu desligamento, através de uma ligação telefônica para o seu pai, com a seguinte mensagem: "[...] muito boa técnica, mas não vemos projeção dentro do clube levando em consideração à predição de altura". A altura (1,75m) para a idade não estaria dentro dos padrões exigidos pelo clube.

O prognóstico, segundo o profissional, estava relacionado ao exame radiográfico da mão esquerda, que teria relação entre a idade cronológica e a idade óssea. Conforme o integrante da coordenação do Grêmio, a idade cronológica de Fernando era de treze anos e alguns meses, mas sua idade biológica seria de quase quinze anos. Para eles, quanto mais avançada a idade óssea, menos potencial de crescimento, portanto, menos altura, menos chances de ser goleiro de clubes de alto nível, de tal modo, como afirma Le Breton (2003), os biólogos prenunciam o futuro do indivíduo, suas probabilidades de carreira e suas chances de ser bem-sucedidos na vida.

Controversamente, a condição, entretanto, não parecia ser aplicada a todos os aspirantes. Havia um menino que assumiu a titularidade da categoria Sub-14, com as dispensas<sup>8</sup>, que era bem mais baixo do que os outros. Não se soube qual seria a sua idade biológica, apenas que era alguns meses mais velho do que Fernando. No entanto, o que se ouvia falar era que, além de ser irmão do destaque da equipe, diariamente, era submetido há anos a aplicações de injeção de hormônios para crescimento - Le Breton (2007) assegura que o sacrifício e a dor no esporte são consentidos pelo jogador, em face de trocas simbólicas que permitirão alcançar os resultados desejados - como maneira de correção do corpo enquanto um objeto imperfeito, tal qual um rascunho a ser corrigido, no sentido de agir a fim de melhorá-lo (Le Breton, 2007). De tal modo, como pontua Castro (2003), em que há uma relação dos indivíduos com seus corpos que tem como preocupação básica a modelação, a fim de aproximá-los o máximo possível do padrão exigido pela(s) cultura(s) futebolística(s).

Sem ter como modificar endogenamente as suas estruturas ósseas, em decorrência do alto custo que é o tratamento hormonal, o que lhe deixava em desvantagem simbólica naquele território, em março de 2017, Fernando se apresenta na categoria Sub-14, do Juventude, em Caxias do Sul, para um período de cinco dias de testes. O Juventude, por ter um capital simbólico (Bourdieu, 1989) menor se comparado ao de Internacional e Grêmio, era tido como um espaço de menor exigência referente à estatura.

O seu desempenho nos treinos acelera a sua admissão. Em três dias, o treinador define que pode passar a integrar o grupo. Na avaliação do treinador, que dias depois fora promovido para a Sub-15, a técnica e a tática, a altura, e a facilidade de desenvolver o jogo com os pés foram determinantes para a sua aprovação. À época, medindo 1,79 m, Fernando assumiu a titularidade. O reserva imediato, além de ser mais baixo, aparentava não gozar do mesmo prestígio junto à comissão técnica em razão de não possuir muita habilidade. Dessa forma, no meio do ano, pediu para ser desligado. Com a falta de goleiros, um menino com altura igual à de Fernando, foi chamado da escolinha para compor o plantel. O novo integrante, nos treinamentos, era muito cobrado pelos treinadores. Os profissionais diziam que faltava desenvolver muito a sua técnica e senso tático. Provavelmente, por essa condição, que muitas vezes, o Sub-14 do Juventude viajasse com apenas Fernando para a posição de goleiro.

Fernando começou a ver a sua titularidade ameaçada com a chegada de um menino, vindo de Minas Gerais, medindo quase dois metros de altura. Os comentários eram que o jovem havia chegado para ser o titular. Desse modo, Fernando perdeu a posição para a disputa da Copa Teutônia<sup>9</sup>. Segundo o treinador da Sub-15, o recém-chegado, que não continha seus recursos técnicos desenvolvidos, tanto gozava de prestígio no clube que fora a coordenação técnica que determinara o seu aproveitamento imediato como titular.

Descontente com a circunstância, durante o torneio, Fernando parecia fazer questão de demonstrar todo seu aborrecimento. Como nos jogos vinha revezando, ora começava jogando, ora no banco de reserva, nas partidas que foi deixado para entrar somente ao final, os seus comportamentos, como se dirigir vagorosamente em direção ao técnico quando solicitado ou não se empenhar suficiente no aquecimento, revelavam o seu descontentamento. Possivelmente, em razão disso, no início de fevereiro, tenha o seu nome suprimido da lista dos que permaneceriam para a temporada 2018. Pois, a alegada inexistência de projeção em razão da estatura, por parte do coordenador técnico, parecia infundada, haja vista, pouco tempo antes, em outubro de 2017, o mesmo profissional fora o responsável pela celebração de contrato de formação do Fernando com o Juventude, com uma multa rescisória no valor de 300 mil reais.

O atributo avocado para o descarte, possivelmente, não tenha sido o principal motivo e que tenha servido mais como argumentação que assume um caráter formal e objetivo, portanto, incontestável, uma vez que segue regras e padrões vigentes, que cabe ao clube instituí-los a partir do seu valor simbólico e do mercado futebolístico em que está inserido. Todavia, deveria ser de conhecimento do coordenador que no preço dos jogadores, constam critérios de ordens diversas, vinculados à expectativa de performance, à cor, à nacionalidade, ao comportamento extra-campo, ao agente/empresário, ao clube que detém o vínculo e assim por diante (Damo, 2005). Sobre os jogadores há a previsão de um controle que passa por questões de comportamento, associadas mais a um conteúdo moral do que de eficiência técnica, como por exemplo, manter conduta correta e disciplinada (De Paula, 2013). Assim sendo, tanto o comportamento endógeno quanto o exógeno são componentes à atribuição de capital ao jogador. Se por um lado a altura não poderia ter variado muito, como meio de valorização ou desvalorização do capital, por outro, pela alteração comportamental, indiferentemente de espaço temporal, podendo ser brusca ou em longo prazo,

poderia facilmente descapitalizar o atleta, como foi aos olhos do coordenador técnico caxiense. Ainda, Fernando, mesmo com alguns anos circulando no campo futebolístico, não teria introjetado certas regras, que de certa maneira lhe garantiria mais condições de permanência, além de constituir mais capital futebolístico<sup>10</sup>.

Fernando chegou ao São José em abril de 2018 e, em maio de 2019, foi dispensado. Após uma saída de gol, durante um treinamento coletivo, contra um jogador da equipe reserva, houve um choque entre os dois atletas, sendo que o atacante saiu de campo lesionado. A comissão técnica avaliou que no lance o goleiro empregou força desproporcional, colocando a sua e a integridade física do colega em risco. Como Fernando já havia terminado em um hospital em um lance análogo, há menos de dois meses, depois de uma rápida reunião ainda dentro de campo, resolveram dispensá-lo.

Diferentemente das outras ocasiões, dessa vez, a justificativa para a sua saída não estava relacionada à estatura - nem deveria, pois Fernando tinha a altura aproximada a do goleiro titular e ídolo do clube, Fábio Rampi - e sim pelo componente comportamental. O São José, por ser uma instituição de menor capital simbólico e social do clube<sup>11</sup>, se em contraste como os outros clubes que Fernando frequentou, não tinha maiores exigências quanto à altura de goleiro.

### **O "mito nativo" da dimensão palmar**

Sem clube e com o seu empresário fora do país, não havia muito que fazer para o momento. Todavia, de maneira inesperada, surgiu uma proposta de um empresário gaúcho que enviou um emissário sugerindo um encontro em seu escritório. A priori, a reunião serviria para realocá-lo em um clube da região metropolitana de São Paulo. Nodia e no horário combinados, no escritório de Barreto, fomos atendidos por um dos seus agentes, o Portela, que primeiramente pediu desculpas em nome do empresário por não poder atender. Já, no início da reunião, o agente estipulou em torno de 1,82m, para, em seguida, requisitar que Fernando mostrasse uma das mãos. Em uma rápida observação, definiu que o aspirante não possuía dimensão palmar para se tornar goleiro profissional: "é pequena, não tem mão de goleiro". Ato contínuo, solicitou que um rapaz que estava esparramado no sofá atrás de nós expusesse a sua mão.

Isto é mão de goleiro. Olha só, ele tem 1,89m. Foi goleiro das seleções de base do Brasil. Está jogando em clube de série D. Se assim já está difícil. Eu sei que tu joga muito. Já ouvi falar que tu é o cara. Mas não tem como. Por mais que tu sabia jogar bem com os pés e tenha atitude, não vai dar. Com essas medidas, nenhum clube te emprega (Diário de campo, 12 de agosto de 2019).

O que se ouviu era impactante, causou estranheza. Até então, durante anos no campo, nunca havia sido escutado algo deste tipo. Escutava-se muito falar em estatura/altura não só para goleiros, como para zagueiros, centroavantes e até mesmo para homens de meio campo, principalmente, os chamados volantes. No entanto, tamanho de mão era a primeira vez que se escutou. Apenas na literatura científica,

através da tese de Arlei Damo (2005), que havíamos lido sobre a dimensão da palma da mão, junto com altura, envergadura e atitude, como sendo uma das características prioritárias para a posição. A novidade nos fez refletir como o tamanho da circunferência de uma "mão aberta" poderia interferir no desempenho do atleta? Estaríamos diante de um preconceito? Seria um mito oriundo da sua aprendizagem enquanto aspirante a goleiro em sua juventude<sup>12</sup>? O interlocutor estaria respaldado em estudos científicos que dessem conta sobre o fenômeno? Preferiu-se não questioná-lo sobre o fato, em razão da situação de Fernando, pois poderia atrapalhar a realocação, haja vista, o agente, mesmo observando a existência do *handicape*, prometeu realocá-lo em algum clube.

As pesquisas etnográficas são marcadas pelo esforço intelectual, através do estabelecimento de relações, seleção de informantes, transcrição textuais, entre outros, para uma descrição densa dos espaços (Geertz, 1978). De tal modo, coube a nós continuar realizando os movimentos etnográficos sugeridos pelo antropólogo Magnani (2002, p. 20) que auxiliariam para compreensão da quela dinâmica, em que era "preciso situar o foco nem tão de perto que se confunda com a perspectiva particularista de cada usuário e nem tão de longe a ponto de distinguir um recorte abrangente, mas indecifrável e desprovido de sentido". Mas a partir de uma "perspectiva de um olhar distanciado, indispensável para ampliar o horizonte da análise e complementar a perspectiva de perto e de dentro" (p. 11), em um sentido de olhar associado ao ouvir para escrever (Cardoso de Oliveira, 1996) seguimos andando (Silva, 2009) através das guias de nossos interlocutores. Pois, quando o etnógrafo escolhe o campo, com algumas questões ou hipóteses, só mais tarde consegue compreender sua representatividade de (Fonseca, 1999).

O atributo dimensão palmar, a não ser neste episódio, não emergiu espontaneamente. Foi necessário, para o entendimento do fenômeno, provocar os nossos interlocutores que nos contassem as suas impressões e perspectivas sobre o assunto, por meio de conversas informais e formais, entrevistas não-diretivas (Rocha; Eckert, 2013). Desse modo, buscamos conversar com agentes sociais com disposições diversas no campo, como treinadores e empresários de futebol.

Aproveitando um dos encontros etnográficos com o empresário de futebol de Fernando, perguntamos sobre como a dimensão palmar poderia interferir no processo formativo dos goleiros. A resposta do empresário - ex-jogador de futebol, formado nas categorias de base do Internacional - foi que não deveria influenciar em nada. Nas palavras de Edmilson: "uma bobagem criada por quem nunca jogou bola ou que não entende nada de futebol". O interlocutor não sabia que essa noção havia partido de um ex-goleiro. Talvez, por isso acreditasse que fosse uma tradição inventada (Hobsbawm, 1984). Para Edmilson "o que vai interferir o tamanho da mão se ela for de 'alface'<sup>13</sup> ou se o goleiro não saber se posicionar ou fazer a defesa? Isso é história. Em anos nunca vi e ninguém conseguiu comprovar que isso é verdade". O que o interlocutor estava a dizer poderia ser pensado a partir das noções de Eric Hobsbawm (1984, p. 10) sobre a tradição inventada, como "um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica, regidas por regras tácitas ou abertamente aceitas, que inculcam valores e normas de comportamento por meio da repetição, implicando automaticamente na continuidade do passado".

Outro interlocutor que poderia nos ajudar na reflexão era o preparador de goleiros Mathias que trabalhava na Indonésia. O ex-goleiro, com formação na base do Grêmio, que não chegou a se



profissionalizar em razão da estatura menor, tinha mãos grandes e havia sido coincidentemente treinador de Portela no Grêmio. Dessa forma, procuramos o profissional para saber quais seriam as suas percepções sobre o fato. Sem contar de onde surgiu a noção, foi lhe perguntado qual seria o seu entendimento. Ao responder ao questionamento, o profissional alegou que havia ouvido na década de 1990 algo nesse sentido, mas não acreditava que pudesse prejudicar. "Não ajuda e nem atrapalha. O que importa é o conjunto todo. Não adianta ter a mão grande se ela for de alface". Essa consideração vai ao encontro ao que o empresário Edmilson concebia. Quando se refere ao "conjunto todo", os atributos estatura, saber se posicionar e ter firmeza nas mãos (saber defender) estão no arcabouço. No caso do preparador, ter a "mão grande" não lhe permitiu a continuidade para a profissionalização. No juvenil, foi dispensado em razão de ter 1,76m. Ou seja, sem a harmonia com os outros componentes, a mão teria pouca importância simbólica. No caso, a estatura teria frente ao tamanho da palma da mão maior poder simbólico.

Portela, ao analisar a estatura de Fernando, não analisou como um impeditivo. Para o agente, a altura associada ao atributo atitude - significando dominar as técnicas corporais dentro de campo e que Fernando dispunha em bom nível - seria suficiente para se sustentar no processo de formação. No entanto, quando associa esses componentes à dimensão da mão, define como a constituição de um conjunto carregado de menor peso simbólico, portanto, precário para ter continuação em algum grande centro de formação. Mas que não o impediria de dar continuidade em espaços formativos de menor capital futebolístico. Edmilson, por outro lado, não concebia o tamanho da mão como uma *handcape*, no sentido de fraqueza, porque nem mesmo compreendia como objeto de avaliação para a seleção de aspirantes. "Nunca vi treinador de base pedir para olhar a mão de goleiro". Para o empresário, o uso dessa característica era infundado, haja vista, não ser possível mensurar para comprovar a eficiência de uma mão sem estar arrolada a outros esquemas de jogo. "Como é que um ou dois centímetros vão ser decisivos? Se o goleiro tem as mãos rápidas e bom posicionamento, como o Taffarel<sup>14</sup>, não precisa de mão grande. O que importa é saber jogar". De acordo com o empresário Edmilson, como costuma tratar, as questões antropométricas, tanto como estatura como tamanho de mão, eram filigranas.

## **Corpos e Territorialidades**

Para o ex-técnico de futebol Bernardo "Tem bola no corpo para mim é o que mais importa", a característica prioritária atitude, em comparação à envergadura, dimensão palmar e estatura (Damo, 2005), seria a mais importante ao se avaliar um aspirante a goleiro. Provavelmente, essa noção do estudante de medicina em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, tenha sido produzido a partir dos mais variados contextos futebolísticos que vivenciou. Bernardo no início de carreira como treinador havia trabalhado em conjunto com o Walter, em um pequeno clube da cidade de Porto Alegre. Em seguida, por curto tempo, foi treinar a categoria juvenil no Esporte Clube Pelotas, da cidade de Pelotas-RS. Depois disso, foi para a Europa fazer estágios e fazer cursos para obter a licença como treinador União das Associações Europeias de Futebol - UEFA, na Espanha, em Portugal e Inglaterra. Além desses países, construiu seus saberes observando treinamentos em clubes da Alemanha. De volta ao Brasil, foi ser o treinador do time

profissional do clube Palmas, no Tocantins, e realizar estágio no Clube Atlético Tubarão, em Santa Catarina, até se mudar para a Bolívia para coordenar as categorias de base do clube Santa Cruz.

O treinador costumava dizer que mesmo distante acompanhava a trajetória de Fernando. Bernardo o fazia via redes sociais e se dizia um admirador do talento do jovem aspirante. Além disso, ligava para saber como estava a situação de Fernando no Brasil e se ele não tinha interesse em dar continuidade de sua formação na Bolívia. O convite normalmente acontecia porque acreditava que no país vizinho o aspirante seria mais valorizado. Bernardo sabia que Fernando sofria para se sustentar nas categorias de base por causa da altura e que na Bolívia - por ser um país relacionalmente de menor capital simbólico e social ao de algumas regiões brasileiras - o "sofrimento" deveria diminuir.

Acho que tu deverias tirar teu guri do Sul. Levar para o Nordeste [do Brasil]. Porque tem muita frescura em relação à altura. Se conseguisse fazer os documentos e levar até a Argentina seria o ideal. Em Córdoba, é muito bom. E a Argentina é exportador igual ao Brasil<sup>15</sup>. E não tem frescura. Uruguai, Chile, Bolívia e Peru. Bah, se tu visses o nível sul-americano. O futebol brasileiro está a anos-luz de distância do futebol europeu. Os caras vieram aqui aprender com a gente, levaram o que tinha de melhor e agora nos deixaram com o que eles tinham de pior. Nos enganaram dizendo que a tática e a preparação física superariam a qualidade técnica. Certo? Talvez, mas não avisaram que eles iriam usar a técnica aliada com tudo isso para se tornarem os melhores. Vivi anos em Barcelona e nunca vi um menino ser dispensado por causa de altura. Nunca vi nem goleiro ser dispensado por isso. Eu vi Valdés, eu vi Casillas [goleiros] jogarem. Eram fenômenos. Lá a cultura é quem tem mais habilidade joga, não tem essas de que o que importa é o tamanho que depois se insere a técnica. Para eles, importa a técnica para eles inserirem a tática (Diário de Campo, 06 de fevereiro de 2020).

Através de um *habitus*, como capital futebolístico, no sentido de imersão na lógica do jogo, consciente e inconsciente, racional e irracional, premeditado e contingente, construído por anos e em cenários futebolísticos diversos, Bernardo estava sugerindo que se colocasse em prova o capital simbólico em outros espaços futebolísticos da América do Sul. Na concepção do interlocutor, a ordem lógica de atributos na constituição capital futebolístico, nestes outros territórios, viria em primeiro lugar a atitude - no sentido de saber jogar - para depois vir as qualidades físicas. Pois, para Bernardo, no Brasil, em especial na região Sul do Brasil, o capital simbólico de Fernando padeceria em razão de gostos futebolísticos, definidos a partir de condições históricas e sociais do esporte, possíveis através da constituição do sistema de instituições e de agentes que conduzem os esportes. Segundo Bernardo, o atributo estatura, em determinados lugares, era supervalorizado, contendo simbolismo hiperbólico, de tal modo, o segredo é encontrar um clube compatível ao dom/talento (Damo, 2005).

O lugar que o interlocutor observa, por onde andou e adquiriu suas experiências esportivas e como seus gostos foram forjados ganha importância à medida que se procura entender o seu discurso. Nesse sentido, a noção bourdieusiana de campo social (1983), definida como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre as posições, que prescreve as posições sociais individualmente, assim como as regras em que o jogo acontecerá e determinante para as disposições, cooperam para a compreensão sobre as territorialidades. A partir dessas posições historicamente definidas, o campo cria as condições para a possibilidade de sua própria práxis. No entanto, conforme Bourdieu (1989), o universo do esporte, enquanto campo esportivo, não é um espaço fechado em si mesmo, sem esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele. Por conseguinte, Bernardo o que nos parece consegue reconhecer a decompor as complexidades de disposições dos distintos campos de formação de atletas para o manuseio da margem de manobra existente entre a oferta de talento e a demanda do mercado de formação e atuação profissional, como sugere Damo (2005).

O entusiasmo de Bernardo, por seu turno, para a situação proposta era estruturado em cima de demandas históricas culturais do futebol boliviano. Na Bolívia, segundo o interlocutor, não existiria as mesmas exigências em relação à altura como no Rio Grande do Sul, em especial, em Porto Alegre. Istoseria em razão da carência de jogadores dotados de atitude se contrastada com os brasileiros. Dessa maneira, as exigências corporais seriam diluídas, mais elásticas, em prol da qualidade técnica e tática. Assim, para o interlocutor, faria sentido encontrar um campo esportivo de acordo com as características de Fernando.

### **Notas finais**

Na pesquisa de Damo (2005), os atributos específicos para cada posição, listados em quadro, a partir de informações coletadas no Sport Club Internacional, são apresentados como altura, envergadura, dimensão da palma da mão e atitude. Em nossa pesquisa, três das quatro características, no caso estatura, dimensão palmar e comportamento foram recorrentes. Aprofundamos-nos nas interpretações das duas primeiras. No caso da altura, ficou evidente que é um elemento muito presente no processo de aspirante a goleiros. Ser o mais alto ou ser o mais baixo trazia implicações para o jogador pleitear a titularidade e, até mesmo, a permanência em um clube. Já no caso da dimensão da palma da mão nos pareceu uma questão esporádica e que não tem consenso entre os envolvidos no processo futebolístico. No caso investigado do aspirante Fernando ela foi acionada como um impeditivo no avanço de sua trajetória, uma vez que os elementos altura e qualidade técnica eram contemplados e não colocados em questão.

Nesse sentido, consideramos que certas concepções dos universos futebolísticos estavam mais relacionadas às produções de significado a partir de contextos que em culturas hegemônicas. Assim, como a estatura, a dimensão da mão não poderia ser compreendida simbolicamente sem estar associada aos espaços sociais constituídos. Portanto, saber quando, quem e como se pode acionar essas características corporais para decidir se determinadas trajetórias de aspirantes terão continuidade ou não no universo do

futebol requer conhecer não só o campo esportivo mas as peculiaridades locais e temporais envolvidas que simbolicamente capitalizam os corpos.

### Referencias bibliográficas

- Boehl, W. R. (2021). *Empresários de Futebol em ação: etnografias multisituacionais*. Porto Alegre. Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Bourdieu P. (1989). *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.
- Bourdieu, P. (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Cardoso de Oliveira, R. (1996). O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de antropologia*, 13-37.
- Castro, A. L. (2003). *Culto ao corpo e sociedade. Mídia, estilos de vida e cultura do consumo*. São Paulo. Annablume /Fapesp.
- Damo, A. S. (2005). *Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 434 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre.
- De Paula, M. A. (2013). *Acaso, destino e revelação: um estudo sobre circulação, projetos familiares e trajetórias na formação de jogadores de futebol*. Dissertação. Brasília: UNB.
- Fonseca, C. (1999). Quando cada caso não é um caso. *Revista Brasileira de educação*, v. 10, n. 1, p. 58-78.
- GEERTZ, C. (1978). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Hobsbawm, E. (1984). *A invenção das tradições*. In: HOBBSAWM, E. & RANGER, T. A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Le Breton, D. (2003). *Adeus ao corpo. Antropologia e sociedade*. Tradução Marina Apenzeller. Campinas-SP: Papirus.
- Le Breton, D. (2007). *Compreender a dor*. Tradução Manuel Anta. Portugal: Estrela Polar.
- Magnani, J. G. C. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29.
- Marcus, G. (2001). *Etnografia em/ del sistema mundo: o surgimento de la etnografia multilocal*. *Alteridades*, Distrito Federal, México, v. 11, n. 22, p. 111-127, jul./dez.
- Paoli, P. B. (2007). *Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos*. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.
- Rial, C. (2008). Rodar: *A circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65.
- Rocha, A. L. C.; Eckert, C. (2013). Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana. *Horizontes Antropológicos*.
- Silva, H. R. (2009). A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes antropológicos*, 15, 171-188.
- Spaggiari, E. (2009). *Tem que ter categoria: construção do saber futebolístico*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, USP, São Paulo.
- Wacquant, L. (2002). *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Tradução de Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

---

<sup>1</sup> Estas cidades estão localizadas no Sul do Brasil, no estado do Rio Grande de Sul, sendo Porto Alegre a capital do estado e Caxias do Sul distante 130 km da capital.

<sup>2</sup> Para mais informações sobre a pesquisa ver a dissertação de mestrado “Empresários de futebol em ação: etnografias multissituacionais” de autoria de Walter Reyes Boehl.

<sup>3</sup> Compreende-se esses espaços além dos centros de treinamentos de categorias de base, como restaurantes, shoppings, quadras esportivas, salões de festas e escritórios de empresários de futebol.

<sup>4</sup> O Grêmio Foot-ball Porto Alegrense é um clube de futebol da cidade de Porto Alegre/RS que juntamente com o Sport Club Internacional são os principais times da cidade e do estado, atuando na série A dos campeonatos nacionais e com expressiva participação em campeonatos internacionais.

<sup>5</sup> A Copa Cidade Verde, que foi realizada em janeiro de 2015, no qual a equipe de Fernando sagrou-se vice-campeã.

<sup>6</sup> Nos treinamentos, o preparador de goleiros costuma seguir uma ordem em que o titular sempre começa, seguido do reserva imediato e assim por diante. No caso, Fernando sempre era o terceiro.

<sup>7</sup> Competição internacional infantil disputada anualmente na cidade de Alegrete, no Rio Grande do Sul.

<sup>8</sup> Além de Fernando, outros três também foram dispensados.

<sup>9</sup> Torneio infantil disputado na cidade de Teutônia/RS.

<sup>10</sup> O capital futebolístico é um capital simbólico específico para o esporte futebol espetacularizado, a partir de apropriações do tratamento que Pierre Bourdieu faz ao conceito de capital, e que, inclusive, pode ser aproveitado em parte, no sentido de transferência positiva, em outras matrizes do futebol. O capital futebolístico, de acordo com Carmen Rial, (2008) é a soma de todos os conhecimentos referentes ao futebol; bem como a estratégia de conversão do dom futebolístico em profissão, não sendo possível ser mensurado, embora seja constituído de atributos físicos (DAMO, 2005). O capital futebolístico compreende os conhecimentos corporais, como o uso de técnicas e habilidades aprendidas para desempenho da performance futebolística; sociais, visto que ter uma rede de relacionamentos é importante para a ascensão no meio futebolístico; ou econômicos, que implica em saber administrar seus contratos e seus lucros monetários (RIAL, 2008). Por seu turno, quanto maior o capital futebolístico, maiores são as chances de entrar e se manter durante o período de formação de jogadores de futebol.

<sup>11</sup> A partir da concepção de Damo (2005), o clube não tem próximo a quantidade de torcedores, enquanto capital simbólico, e nem a quantidade e a qualidade de conquistas, como capital social, dos seus conterrâneos gaúchos.

<sup>12</sup> O agente chegou a se profissionalizar como goleiro e a sua formação em categorias de base foi no Grêmio.

<sup>13</sup> Mão de alface é um termo, normalmente, usado de maneira pejorativa, para identificar o goleiro que não tem firmeza com as mãos, que deixa passar a bola com facilidade.

<sup>14</sup> Taffarel é um ex-futebolista brasileiro que atuava como goleiro. Teve uma carreira de sucesso atuando em três Copas do Mundo pela seleção brasileira.

<sup>15</sup> Conforme o International Centre for Sports Studies Football Observatory, o Brasil é o maior exportador de jogadores para o exterior (1.600 em 86 países), seguido pela França (806 jogadores em 70 países) e pela Argentina (713 jogadores em 58 países).